

# economia



## Visão de mercado

João Satt

Estrategista e CEO do G5  
joaosatt@gcinco.cc

## Encurtar ou desaparecer

Somos alvo diariamente de uma avalanche de palavras, mas quanto realmente retemos? Em média, permanecemos menos de 15 segundos na maioria dos sites e mensagens que acessamos. Estatísticas apontam que nosso cérebro leva apenas 17 milissegundos para decidir se gostamos ou não de algo que acabamos de clicar. Boa parte do que compartilhamos sequer lemos por inteiro.

A ansiedade por não perder algo, que muitas vezes nem sabemos o que é, nos faz olhar o celular centenas de vezes por dia. Viciados em ondas de dopamina, seguimos no automático: click, click, click. Isso produz distração em escala industrial e derruba nossa produtividade. Mesmo assim, quando precisamos escrever, insistimos em textos longos, prolixos e pouco objetivos.

A cultura digital nos leva, invariavelmente, a começar com “Oi, fulano. Tudo bem?”. Agora, me responda: será que sempre precisamos dessa introdução? O código social impõe, mesmo que a resposta quase nunca reflita o verdadeiro estado de espírito do outro. Há uma frase maravilhosa de Mark Twain, escrita em uma carta em 1871: “Não tive tempo de escrever uma carta curta para você, então escrevi uma comprida”.

As pessoas continuam escrevendo como se o outro não tivesse condições de entender. Ninguém tem tempo para desperdiçar, mas essa ficha ainda não caiu. A crença de que inteligência se revela no volume de palavras soterra apresentações com raciocínios complexos em reuniões e derruba candidatos em debates.

Isso fica ainda mais evidente, em função de eles viverem uma tensão permanente: precisam falar, se posicionar, responder ataques e defender ideias, mas, acima de tudo, precisam ser escutados. Não vence necessariamente quem fala mais.

Ganha espaço quem consegue, em poucos segundos, organizar ideias, construir uma mensagem forte e gerar conexão.

Em um ambiente de interrupções, cortes e viralização instantânea, clareza virou ativo eleitoral. A fala longa se perde. A fala precisa fixa

Em um ambiente de interrupções, cortes e viralização instantânea, clareza virou ativo eleitoral. A fala longa se perde. A fala precisa fixa

Todos nós enfrentamos o mesmo desafio: como fazer com que as pessoas prestem atenção no que falamos e, principalmente, entendam o que queremos dizer? É necessário mudar a forma. Não adianta insistir: é preciso encurtar a fala. Isso não significa simplificar demais, e muito menos ser raso. Estou falando de concisão.

Priorize o que o outro quer saber, e não o que você gostaria de dizer. O alerta é sobre a importância de ser breve. Compartilhe mais valor em menos tempo. As pessoas querem algo novo e revelador. Então, me responda: por que escrever tanto? Por que falar tanto? A verdade nua e crua não machuca, quando dita com respeito e elegância.

Provocações potentes têm enorme capacidade de transformar textos, discursos e falas em debates mais interessantes, produzindo atenção, despertando interesse e gerando desejo por mais.

Pense primeiro no seu público. Esqueça seu ego e a necessidade de parecer brilhante. Concentre-se no que faz sentido para a sua plateia. Seja simples, claro e direto. Quem não aprende a ser claro, objetivo e memorável, corre o risco de falar muito... e desaparecer.

# Cenário da inflação se deteriorou, diz ata do Copom

BC citou pressões inflacionárias que reverteram tendência de queda do IPCA

## / CONJUNTURA

O Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central apontou para uma deterioração do cenário inflacionário na ata da sua última reunião, realizada nos dias 16 e 17 de junho. O colegiado destacou tanto uma “evidente” desancoragem adicional das expectativas, quanto as surpresas nas leituras do IPCA corrente, pressionado pela guerra no Oriente Médio.

“As expectativas de inflação, medidas por diferentes instrumentos e obtidas de diferentes grupos de agentes permanecem acima da meta de inflação em todos os horizontes. Desde a reunião anterior ficou evidente uma desancoragem adicional das expectativas de inflação para horizontes mais longos, em particular para o ano de 2028”, diz a ata do comitê, publicada ontem.

Na última reunião, o Copom decidiu cortar a taxa Selic em 0,25 ponto porcentual, de 14,50% para 14,25% ao ano, mas pregou “serenidade e cautela na condução da política monetária” diante do aumento da incerteza. Agora, na ata, o colegiado destaca que a perseverança, firmeza e serenidade vão favorecer a continuidade de uma queda das expectativas rumo à meta.

“A principal conclusão obtida, e compartilhada por todos os membros do comitê, foi a de que, em um ambiente de expectativas desancoradas, como é o caso do atual, exige-se uma restrição monetária maior e por mais tempo do que outrora seria apropriado”, diz o texto.

O Copom também citou as recentes surpresas inflacionárias, que inverteram uma tendência de arrefecimento do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) cheio e das medidas subjacentes, mais importantes na calibração da política monetária. Segundo o colegiado, as últimas divulgações mostraram “sinais claros de efeitos dos conflitos geopolíticos no Oriente Médio”, que levaram a uma inflação “significativamente acima” do esperado.

“Para além dos efeitos dos conflitos, mantém-se, de um lado, a interpretação de uma inflação pressionada pela demanda e que



RAFA NEDDERMEYER/AGÊNCIA BRASIL/JC

Na última reunião, colegiado cortou a taxa Selic em 0,25 ponto porcentual

requer uma política monetária contracionista e, de outro, a interpretação de que a política monetária tem contribuído de forma determinante para a desinflação observada”, disse o Copom.

Na ata, o Copom reconheceu explicitamente que o seu balanço de riscos para a inflação passou a ter uma “assimetria altista” - isto é, que os riscos de o IPCA ficar acima do esperado pelo colegiado são maiores que os riscos de a taxa ficar abaixo. “Com relação ao balanço de riscos, o comitê avaliou que os riscos para a inflação, tanto de alta quanto de baixa, permanecem mais elevados que o usual, com assimetria altista”, diz a ata.

O Copom já havia incluído um novo risco para cima para a inflação, o que resultou em uma “assimetria” com quatro fatores altistas e três baixistas. Mesmo assim, ainda não havia reconhecido explicitamente a assimetria. Os quatro fatores de risco para cima são: estímulos à demanda agregada que resultem em crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) acima do seu potencial (adicionado nesta última reunião); desancoragem das expectativas por período mais prolongado; maior resiliência da inflação de serviços, por um hiato do produto mais positivo; e conjunção de políticas interna e externa que tenham impacto inflacionário, via desvalorização do câmbio, por exemplo.

Os fatores de baixa são: eventual desaceleração maior que a esperada da atividade doméstica; desaceleração global mais pronunciada por causa de choques

de comércio e do petróleo; e redução nos preços das commodities, com efeito desinflacionário.

O Copom afirma também, na ata da sua mais recente reunião, que a atividade econômica doméstica continua em uma trajetória de moderação compatível com o esperado. Os efeitos da taxa Selic restritiva sobre a demanda ainda se fazem sentir por meio da desaceleração do saldo de crédito, especialmente livre, diz o texto. “O comitê relembra que o arrefecimento da demanda agregada é um elemento essencial do processo de reequilíbrio entre oferta e demanda da economia e convergência da inflação à meta”, diz o documento.

O colegiado repetiu que a heterogeneidade de diferentes setores é compatível com a política monetária, uma vez que mercados mais sensíveis às condições financeiras - que são, por sua vez, mais sensíveis aos juros - desaceleram mais que os sensíveis à renda. A aceleração da atividade no primeiro trimestre ainda é consistente com um crescimento da economia em 2026 menor que o de 2025.

O comitê também voltou a destacar que tem acompanhado “detidamente” o mercado de trabalho brasileiro, mantendo-se atento ao debate sobre as dimensões estruturais e correntes do desempenho. “A taxa de desemprego tem, recorrentemente, se mantido em patamares historicamente baixos enquanto os rendimentos reais médios têm mantido a tendência de elevação acima do crescimento da produtividade do trabalho”, observou.